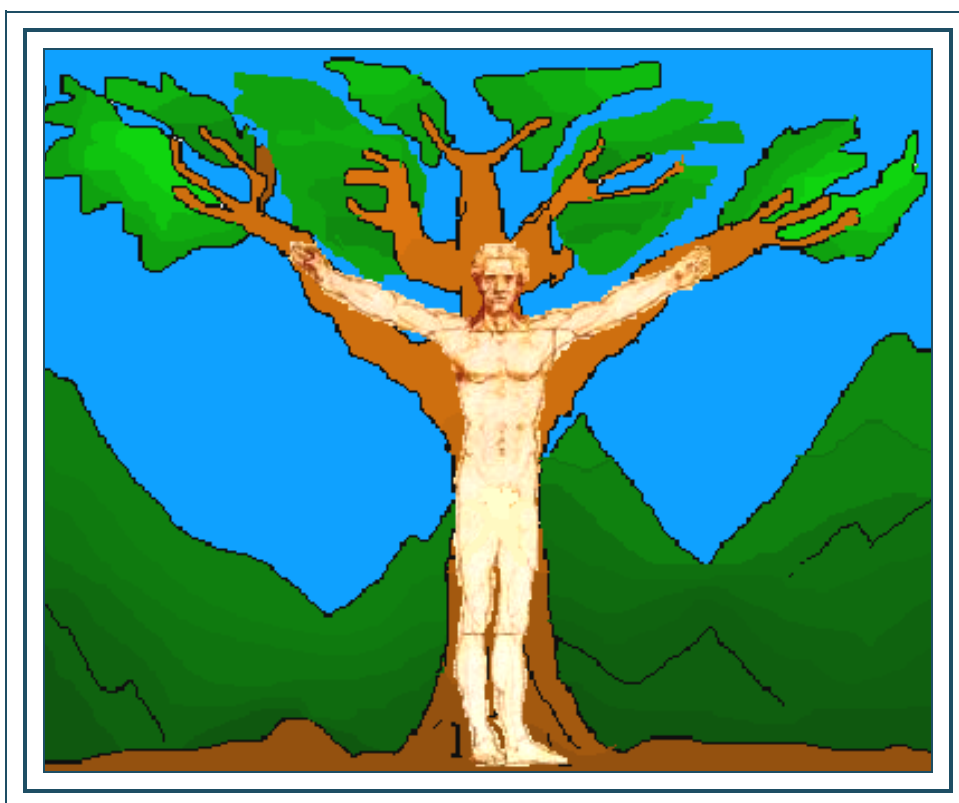


VIVÊNCIAS DE UM APRENDIZ

Parte II

O fim da história



M.R. Smith

ANO - 2003

Este livro está devidamente registrado no Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional sob o número 278.171, Livro: 501, Folha: 331, datado de 17 de janeiro de 2003, com todos os direitos autorais reservados ao autor.

NOTA DO AUTOR

Este livro está dividido em duas partes na Web. Depois do enorme sucesso de downloads da primeira, resolvemos disponibilizar também gratuitamente a segunda parte, que consiste no desfecho da bela história do jovem aprendiz que encontra os segredos da felicidade e da paz interior no meio da serra do mar paranaense, junto a um velho eremita de nome José. Se você ainda não leu a primeira parte da história (VIVÊNCIAS DE UM APRENDIZ), pode baixá-la gratuitamente nos endereços abaixo:

www.ebookcult.com.br

<http://www.ebooksbrasil.com/adobeebook/vivaprendiz.pdf>

www.parnanet.com.br/livros (sub-seção Ficção)

Tudo começou a mudar radicalmente na vida de Carlos desde que resolvera participar de um retiro junto a um eremita de nome José que vivia na serra do mar paranaense ensinando as pessoas a reencontrarem a paz interior, utilizando-se do poder mágico da natureza. Foram três semanas de isolamento total da civilização, onde ele aprendeu a acalmar a alma e escutar os conselhos que a floresta ensinava, utilizando-se para isso de um velho homem solitário como ferramenta. Descobriu que as leis da vida são simples como o são as coisas realmente de Deus. Viu os animais louvando as dádivas da criação, que na floresta eram graciosamente apresentadas em todo o seu esplendor. Ouviu o canto incessante da mãe natureza louvando o Criador de todas as coisas. Viu as plantas executando a sua missão; cada uma fazendo a sua parte para que a floresta manifestasse vida em abundância. As palavras do mestre José eram apenas um complemento aos ensinamentos que a natureza sabiamente havia lhe incutido na alma. José era um homem a quem Deus havia incutido uma missão. E, como ele todos os homens têm a sua missão; embora muitos não tenham consciência disso. Carlos agora tinha um profundo conhecimento dessas coisas. Conhecia agora o propósito de sua existência. Era um missionário como todos os demais seres humanos. E agora sabia que a sua missão era muito simples: tornar o mundo um pouquinho melhor. Em outras palavras: Sabia que devia apenas fazer a sua parte.

Carlos sentia esse desejo latente em expressar ao mundo esses conhecimentos desde aquele momento em que tivera um sonho em plena serra do mar paranaense, onde ele se via pintando um quadro mágico que lhe daria as chaves para um mundo maravilhoso em que todos os seus desejos se tornariam realidade. Iria seguir os conselhos de sua intuição: retratar sua experiência mística em um quadro e assim contribuir para a Grande Obra da Criação que não acaba nunca. Sabia que tudo não passara de um sonho. Entretanto, sentia que aquele sonho tinha algo de especial. Era a maneira ideal pela qual ele retrataria sua experiência mística vivida no meio da floresta. Sabia que estaria fazendo a coisa certa porque havia sido estimulado por uma força superior durante o sonho a dar vida à sua experiência mística através da pintura. Iria pintar o quadro imaginário visto no sonho.

Durante mais de uma semana ficou isolado em seu quarto de pensão, trabalhando na elaboração do quadro. No final pode admirar com orgulho a beleza mística de sua obra.

Na pintura estavam expressas, de uma maneira bem original e até de certa forma genial, as imagens que ele havia vislumbrado em seu sonho. Imagens que ele sabiamente interpretou como sendo a visualização do resultado de sua busca e evolução espiritual. Compunha-se de uma paisagem da natureza composta por um pequeno monte todo coberto por pequenos arbustos dentre os quais ressaltavam se três imagens, todas relacionadas à araucária.

Nota: No seu sonho, Carlos não conseguiu distinguir a árvore visualizada no quadro. Teve a idéia de utilizar-se da araucária por tratar-se de um forte símbolo do Estado do Paraná.

Na primeira figura em evidência, desenhada ao lado esquerdo do pequeno monte havia uma semente gigante de araucária. Seu tamanho era desproporcional ao restante da paisagem natural pois tinha o objetivo de demonstrar algo fundamental no quadro. Sobreposta à imagem da semente havia, de forma sombreada, a figura de um homem acomodado em uma posição horizontal, como se estivesse dormindo, com as mãos esticadas ao lado do corpo. Estava com os olhos fechados.

Do lado direito do quadro, na base do monte, também em tamanho desproporcional ao restante do contexto da paisagem, havia uma semente da mesma árvore em estado de germinação. A semente aparecia como uma sombra, sob o solo, enquanto que do seu lado

emergia um broto que já apontava por sobre a terra. Também sobreposta à imagem da semente em germinação havia a imagem de um homem de joelhos, com os olhos fechados e as mãos juntas como que em estado de oração. O curioso nesta imagem é o fato de que homem de joelhos e parece harmonizar perfeitamente a imagem do broto; pois à medida que o corpo ereto acompanha a imagem do broto, a parte inferior da perna que fica dobrada abaixo do joelho, acompanhava a extensão semente sob o solo, que sustentava o broto.

Na parte superior da pintura, no alto do monte, mais proporcional ao resto da paisagem, havia uma araucária adulta. Também sobreposta à imagem da árvore, havia a figura de um homem. Desta vez, porém, o homem aparece de pé e ele é que está desproporcional ao restante da paisagem. Parece gigante e acompanha quase toda extensão da árvore. Está com os braços abertos em forma de cruz e seus olhos agora estão abertos; olhando para o alto”.

Para quem olha para o quadro, a primeira vista, parece uma coisa anormal todas aquelas figuras. Para Carlos, no entanto, aquilo simbolizava muito e ele estava ansioso em mostrar aquilo ao seu mestre. Estava decidido. Iria voltar à serra do mar, para mostrar ao Sr. José o seu quadro.

Alguns dias depois do término do quadro, o aprendiz estava de novo a caminho da casa de mestre José, nas proximidades de Morretes. Fazia questão de que ele fosse o primeiro a conhecer o resultado dos seus ensinamentos. Chegando a casa, foi logo exclamando alegremente:

- Mestre, digo: Sr. José – lembrou-se que o mestre não admitia que o chamasse assim. – acabei de retratar minha experiência espiritual como o senhor havia me aconselhado. Agora tenho uma maneira de passar aos demais a minha experiência de iluminação espiritual.

- Mostre me o que tens aí, meu filho – indagou mestre José. – Estou curioso.

Carlos ansiosamente desembulhou o quadro e mostrou-o ao seu mestre:

- Vamos ver se o senhor descobre o enigma da minha pintura.

- Puxa Carlos, você disse certa ocasião quando estávamos no cume da montanha que gostava de pintar, mas não sabia que era tão hábil nesta arte. É muito interessante a maneira peculiar com que trabalha com as imagens.

- Ora seu José, não lhe contei que já até havia feito um curso de pintura quando morava na minha cidade natal e...

- Psiuu! – Fez o mestre num tom baixo e calmo para o rapaz enquanto olhava para o quadro de uma maneira estranha. Parecia estar viajando enquanto admirava silencioso o trabalho do rapaz.

Carlos permaneceu calado. Mestre José ficou por longos minutos observando o quadro, até que de súbito olhou para o rapaz e exclamou:

- É uma pintura maravilhosa e creio que interpretei muito do que você quis retratar através dela mas não quero bancar o adivinho. Decifre para o seu amigo os enigmas de tua obra de arte, meu caro.

Carlos já havia percebido que o mestre havia entendido a mensagem do quadro. Apenas não queria estragar sua felicidade em contar. Dessa forma, explicou todo o sentido enigmático das imagens do quadro. Quando terminou a explanação, notou que seu mestre demonstrava uma expressão de felicidade e extrema alegria.

- Estou feliz pelo quadro. Demonstra que você realmente aprendeu a lição, meu filho. Meu esforço não foi em vão. Você conseguiu a iluminação espiritual e na graça de Deus, a partir de agora, vai alçar vôos cada vez mais altos. Basta conservar o seu conhecimento sempre vivo em seu interior da mesma maneira que o materializou neste quadro. E, é claro, utilizar-se desta sabedoria para concretizar seus sonhos através de boas e sábias ações.

- Por isso, Seu José, vou manter este quadro sempre pendurado na parede de meu quarto, para sempre lembrar das verdades que ele representa para mim.

- Não acho isso absolutamente certo, meu filho. Creio que você deveria arrumar uma maneira de apresentar esta pintura ao mundo, pois você sabe que o conhecimento que não é dividido é conhecimento perdido.

- Ora mestre; mas sempre procurarei ensinar o sentido interior do quadro para aqueles que me solicitarem. Posso contar essa história para muitos.

- É uma boa idéia. Mas tenho uma sugestão para lhe fazer, pois entendo um pouco de arte e sei que seu quadro é bom.

- Diga senhor José!

- Tenho muitos conhecidos na capital. Conheço muita gente que mexe com arte e posso dar-lhe uma ajuda para que você apresente a sua obra ao público que aprecia a pintura. Você não precisa vendê-la se não quiser. Basta mostrar ao mundo a luz que este quadro representa. Vai acontecer uma mostra de pintores no mês que vem e se você quiser eu posso arrumar um espaço para você.

- Puxa mestre, seria um grande prazer.

- Então ficamos combinados. Vou contatar meus amigos artistas de Curitiba e se conseguir uma vaga para o seu trabalho eu lhe telefono.

Carlos admirava cada vez mais mestre José, pois o velho sempre conseguia cumprir aquilo que prometia. Havia conseguido todos os contatos para que o aprendiz pudesse efetivar a mostra de sua pintura ao mundo.

No dia marcado para a apresentação na galeria de artes o quadro de Carlos estava lá entre dezenas de outros. Foram feitas as preleções dos demais artistas, que Carlos ouviu atenta e ansiosamente até que chegou a sua vez de falar.

- Boa noite senhoras e senhores. Meu nome é Carlos de Almeida Santos. Sou pintor principiante e esta é a minha primeira obra que trago a conhecimento público.

- Boa noite! – responderam os presentes.

Então o aprendiz iniciou sua apresentação.

Este quadro que agora vêm tem um valor inestimável para mim. É resultado de um aprendizado que muito me ajudou em minha busca por uma nova vida, com mais paz de espírito, alegria e felicidade. E posso lhes garantir que tudo isso foi conseguido em poucas semanas em contato com a natureza, no alto de uma montanha da serra do mar paranaense, sob o comando de uma pessoa iluminada. Essa felicidade de realização interior estimulou-me a exercitar o dom de pintar que tenho latente dentro de mim desde a infância. O resultado foi esta obra que ora vos apresento.

Carlos deu uma pequena pausa. Não deveria se empolgar – pensou. Afinal falava para intelectuais e seu conhecimento espiritual poderia não ser tão interessante para aqueles homens de cultura elevada. Afinal eram todos figurões da cidade: Empresários, industriais, homens de negócio. Assim; agindo agora mais pelo lado da razão que da emoção, Carlos recomeçou a explicar sobre o sentido de sua obra, de uma maneira sutil, sem sobressaltar muito o sentido espiritual da pintura:

- Aqui os senhores vêem a pintura de uma paisagem natural. Observem para as imagens que se sobressaem por suas peculiaridades, pois aí está o sentido interior e oculto, objetivo primário da criação do quadro que vos apresento. Devo ressaltar que as três imagens humanas visíveis na obra, representam a minha própria evolução interior. O Sol brilhando sobre o monte representa Deus. É o que dá vida à planta, desde a germinação até a sua fase adulta. Na imagem do quadro, portanto, o sol representa de forma pitoresca e metafórica o poder de Deus e as sementes e a árvore em destaque representam o homem. Mais precisamente: eu mesmo. Na parte inferior, do lado esquerdo do quadro,

notem que há uma grande semente sobre a qual se sobrepõe a imagem de um homem deitado em seu interior. Simboliza o homem que não despertou ainda o seu lado espiritual. Está dormindo; ou seja: adormecido para Deus. A luz está lá em cima, brilhando e dando vida a todos os que a buscam, mas o homem está protegido pela casca da semente, da energia criadora do sol. Ainda não encontrou as condições propícias para desenvolver suas potencialidades adormecidas. Está ali sobre o solo, muito próxima às forças que a fariam germinar mas ainda não encontrou a ajuda que precisa. Precisa ser enterrada e morrer para o seu estado atual, para que possa ressuscitar em um novo mundo. É o símbolo que encontrei para representar o homem materialista que ainda não encontrou o solo fértil e apropriado para desenvolver-se espiritualmente. Todos nós, assim como a semente, raramente conseguimos, fazer germinar sozinhos os dons que Deus nos deu. Precisamos da ajuda dos outros. Aí é que entram a nossa necessidade de apoio em uma religião, uma ideologia ou de pessoas altruístas que buscam a Deus.

O aprendiz deu uma pequena pausa para disfarçar a emoção crescente que tomava conta de seu ser quando falava sobre estas coisas. Passou para a outra ilustração em destaque no quadro e falou:

- No canto inferior direito, os senhores vêem uma semente em estado de germinação, também com a imagem sobreposta de um homem ajoelhado. É a simbologia que encontrei para representar o meu despertar para a espiritualidade. O homem que habita o interior da semente está de joelhos em estado de oração. E, a oração e a humildade perante Deus, representa o início de nossa evolução espiritual. Um homem ajoelhado, demonstrando humildade e devoção perante o Criador, é como uma semente em estado de germinação, apto a receber,

aos poucos, na medida em que persiste na oração, toda energia que emana de Deus. O homem está com os olhos fechados. Não consegue ainda ver a grande luz (o sol para a planta; Deus para o homem) que lhe dá energia para a germinação de sua semente espiritual, plantada pelo criador desde sempre em sua alma. Entretanto, embora não veja a Deus, a semente divina dentro dele está em estado de germinação, recebendo energia e crescendo para o alto. Sabe por intuição que lá em cima num mundo que ela ainda não vislumbrou porque ainda não pode ver, existe uma grande luz que lhe dá forças para que ela possa crescer e cumprir sua missão.

Todos os presentes permaneciam atentos ao que Carlos dizia. E o rapaz passou para a parte final de sua explanação, dizendo:

- No alto do monte há uma árvore adulta da mesma espécie que produziu as sementes. Notem os senhores que também sobre a árvore vê-se a imagem sobreposta de um homem. Desta vez, o homem é que está representado de forma desproporcional ao contexto geral da paisagem. É gigante e alcança as proporções da araucária. Está com os braços abertos levemente levantados para o alto. Agora ele está com os olhos abertos. Entretanto, não pode olhar para o sol (Metaforicamente simbolizando o poder de Deus na natureza). Não pode olhar diretamente para a face de Deus; mas pode senti-lo em todas as coisas que o cerca. E vê o esplendor de toda a sua luz brilhando acima, abaixo e por dentro de todas as coisas que existem. Simboliza aqui o homem espiritualmente despertado. Este é como a árvore adulta, pronta para florescer, frutificar e dar seus frutos, cumprindo o papel para o qual foi criada e alimentada pela grande luz.”

Carlos deu uma pequena pausa para tomar fôlego e sentenciou:

- Senhores; este é o sentido da minha pintura. Espero que tenham gostado.

Foi acalorado com uma grande salva de palmas de todos os visitantes.

De imediato percebeu que sua historia e sua pintura havia agradado os presentes; pois seguiu-se um burburinho entre os participantes. Foi preciso por mais de uma vez que os organizadores pedissem silêncio para que os outros artistas continuassem a apresentação de seus trabalhos.

* * *

Logo ao final das apresentações, Carlos foi assediado por mais de uma dezena de pessoas que desejavam adquirir sua obra. Embora já houvesse decidido por não vender seu quadro, ficou surpreso, pois não esperava que houvesse tantas pessoas que se interessariam por sua pintura. Estava convicto de que não disporia do quadro, pois sabia que a arte no Brasil não tem muito valor. Na certa ofereceriam alguns reais pelo quadro, mas nada que fizesse diferença substancial na sua vida financeira – pensou.

Ao contrário do ele que pensava, alguns daqueles homens amantes da arte ofereceram uma quantia razoável de dinheiro pelo quadro. Algo muito além de suas melhores expectativas iniciais. Carlos entretanto disse estar decidido. A obra não estava para venda. A não ser que houvesse um louco capaz de lhe pagar a imensa quantia que ele via receber no sonho – pensou.

Logo os compradores cessaram de tentar adquirir o quadro, visto que o jovem parecia decidido. Dispersaram-se pelo salão observando os quadros dos demais pintores. Somente um senhor alto e aparentando uns cinquenta anos permaneceu insistindo em comprar sua pintura. O senhor demonstrava que pertencia a um status elevado da sociedade curitibana e era dono de uma cultura admirável. Ficou conversando com Carlos por um longo período sobre a história que o jovem havia descrito. Parecia a esta altura estar muito mais interessado na história do jovem do que pelo quadro em si. Insistiu mais algumas vezes, chegando a ponto de oferecer pelo quadro uma quantia de

dinheiro que Carlos nunca tivera de uma só vez em sua vida. Era uma oferta tentadora. O jovem começou a meditar sobre a sua decisão. Quem sabe ele faria com aquele dinheiro um investimento em seus estudos e o conteúdo do sonho tornar-se-ia realidade um dia – pensou.

Carlos refletiu sobre a oferta do doutor Henrique – esse era nome do senhor interessado em seu quadro – entretanto sua consciência lhe dizia agora que seu quadro valia ainda mais do que aquela quantia em dinheiro pelo sentido oculto que possuía. Quem lhe garantiria que aquele senhor de muitas posses não jogaria o quadro no lixo assim que lhe desse na cabeça.

- Olha doutor Henrique; prefiro doar esse quadro para um museu onde todos possam vê-lo e quem sabe alguns até cheguem a interpretar seu enigma do que vender a qualquer um que talvez não tenha nenhum objetivo mais nobre.

O homem pensou por alguns momentos como que se uma grande dúvida pairasse em sua mente. Depois de algum tempo, sentenciou:

- Para seu governo; vou lhe informar uma coisa que ninguém que aqui está sabe a meu respeito. Pertencço a uma sociedade hermética e secreta na qual seu quadro e, principalmente a sua história terão um valor inestimável em nossos trabalhos espirituais. Posso lhe garantir que será pendurado na parede lateral de nosso templo. E servirá de estímulo em nossa busca por Deus.

- Puxa, bom saber que o senhor é um homem espiritualizado. Posso saber qual a sua religião?

- Eu não disse religião. Disse sociedade secreta. E isso basta para você saber. Acho que já falei demais.

Carlos pediu um tempo para repensar a idéia de vender sua obra. Ponderado, o doutor Henrique deu o seu telefone e despediu-se do rapaz. Há alguns passos o homem parou, virou-se pra Carlos e disse em tom desafiador:

- E se eu lhe pagar uma quantia de dinheiro que lhe possa proporcionar a realização de seus sonhos?

- Aí a coisa muda de figura doutor e...

Carlos percebeu que não deveria continuar. O homem não se virou e continuou andando sem esperar a resposta, indo juntar-se ao resto dos presentes para admirar as demais pinturas em exposição.

Naquela noite o rapaz voltou para casa orgulhosíssimo de sua obra. Havia agradado alguns daqueles senhores de gosto exigente. Também havia passado a eles um pouco do seu conhecimento espiritual adquirido junto ao mestre José. E sentiu-se extremamente feliz pelo fato de poder mostrar aos outros o que havia aprendido. Sentiu na pele a alegria de dar. E viu que esta era melhor do que a alegria de receber. Exatamente como diziam as palavras que lera na Bíblia. Seu mestre o aguardava para saber o resultado de sua preleção. Não quis ir à amostra. Disse que não gostaria de ser identificado por algumas pessoas que lá estariam.

- Boa noite, meu filho! E a apresentação? Como foi? - perguntou o mestre curioso logo que o viu.

- Tudo bem.

- Só isso?

- Foi ótima. Recebi muitos elogios e até muitas propostas de compra.

- Eu já sabia que sua pintura iria despertar a atenção de pessoas sensíveis, como são todos os interessados pela arte – disse o mestre.

Em seguida o aprendiz contou-lhe todos os detalhes de sua apresentação. E falou também sobre suas dúvidas.

- O que o senhor acha? Devo vender o quadro? O homem parece disposto a pagar um bom preço. No final da conversa, vendo a minha resistência o homem chegou a perguntar se eu não seria capaz de trocar o quadro por uma quantia de dinheiro que representasse a realização de todos os meus sonhos. Será que ele seria capaz de pagar o preço que eu vi no sonho?

- Bobagem garoto. Acho que aí tem um pouco de exagero da parte dele. Pode tratar-se de um jogo de palavras para tentar convencê-lo de que tudo tem um preço, visto que se trata de um homem de negócios. Entretanto se ele oferecer uma quantia que você ache justa, venda-o. Afinal; a idéia do quadro está na sua cabeça. O mesmo pode ser feito em outros termos. Melhor ainda; você pode criar outros quadros relacionados ao seu aprendizado. E lembre-se. O conhecimento que não é repartido é conhecimento perdido. Quanto ao conteúdo do sonho. Creio agora que seja absolutamente verídico. Você teve um sonho premonitório. No entanto; a riqueza nem sempre precisa ser manifestada materialmente. As riquezas espirituais são melhores porque nem a traça nem a ferrugem corroem. Pense nisso. Se for para a sua pintura ficar no seu quarto apenas para satisfazer o seu ego é melhor que se venda por qualquer valor para alguém que consiga melhor utilizar-se dela para a glória de Deus. Quando você me disse que o Dr. Henrique tinha um destino especial para o quadro diante de sua irmandade percebi que o seu sonho era real.

- Ok Sr. José. Se ele mantiver o preço, venderei o quadro – disse o rapaz já com convicção.

O aprendiz acordou na manhã seguinte com dona Tereza batendo a sua porta, com um olhar de espanto.

- Carlos, tem um doutor lá embaixo querendo conversar com você antes que saia de casa. Pelo jeito trata-se de um homem muito rico pois está acompanhado por mais três pessoas com aparência de serem homens de segurança. Corre lá para atender o homem.

Assustado o jovem preparou-se rapidamente enquanto pensava quem seria o visitante inesperado.

- Não pode ser o Dr. Henrique pois ele não pegou meu endereço.

Carlos estava enganado. Era o Dr. Henrique. E o homem parecia obstinado. Foi direto ao assunto, sem dar tempo para que o rapaz pudesse fazer a cortesia de anfitrião.

- Bom dia, meu jovem. Desculpe por estar lhe importunando logo cedo. O problema é que eu sou meio teimoso e gosto de resolver as coisas logo. Não gosto de pendências e antes de ir para o trabalho, resolvi passar para saber da tua decisão. Assim, seja ela sim ou não, prefiro que seja dada logo pois assim desocupo minha mente para outros assuntos. Pensou na minha proposta?

- Sim Dr. Henrique. Se o Senhor realmente estiver disposto a pagar o que me ofereceu eu vendo o quadro. – Sentenciou Carlos.

Após a combinação do preço, Carlos resolveu investigar qual a real intenção do Dr. Henrique quando perguntou se ele não trocava o quadro por uma quantia de dinheiro que simbolizasse a realização de seus sonhos.

- Já que o negócio está fechado, vou fazer uma pergunta um tanto indiscreta.

Pode falar, meu jovem.

- O senhor realmente pagaria qualquer preço que eu pedisse pelo quadro, conforme tentou sugerir ontem à noite?

O Dr. Henrique riu.

- Meu amigo, sou um homem de negócios e tenho também uma boa experiência no ramo da arte. O que paguei pelo seu quadro é um valor mais do que justo. Não ofereceria um único centavo a mais se percebesse que você estivesse querendo se aproveitar do meu interesse. Aliás, o que eu mais valorizei quando ofereci esta quantia elevada pelo seu quadro, foi pela sua vivência. Usarei o quadro apenas para tornar sempre presente e viva a sua experiência para que eu e meus amigos possamos aprender com ele. E note que esta parte você me passou de graça. Mesmo se eu não ficasse com o quadro; levaria sua experiência muito edificadora e não lhe pagaria um único centavo por isso, não é mesmo.

- Bem, isso é verdade doutor.

- Então, esteja ciente de que sua pintura tem um certo valor artístico. Entretanto, como a verdade deve ser dita, saiba que noventa por cento do valor que eu ofereci pela pintura foi por essa parte que não se vê. Sua vivência e seu crescimento espiritual. Para finalizar, se não estiver lhe pedindo demais, gostaria de convidá-lo a participar de um almoço especial na minha casa que pretendo realizar no próximo domingo pela manhã. Nele, preciso que você apresente o quadro para os meus irmãos espirituais. Isso não faz parte do trato. No entanto, ficaria

muito feliz se pudesse apresentar sua arte e seu crescimento espiritual por suas próprias palavras aos meus amigos.

- Puxa Doutor Faria isso com muito prazer.

- Vamos esperá-lo no Domingo então, meu amigo. Fique com o quadro até lá.

- Mas Dr. Henrique; O senhor já me pagou. Então pegue de volta o cheque e no domingo o senhor me devolve.

- Ora meu amigo Carlos. No mundo dos negócios conheço muita gente em que não sou capaz de confiar um único centavo. Entretanto, já tenho experiência o bastante para separar o joio do trigo. Confio em você. Não tenho a menor dúvida de que você é um cumpridor de suas obrigações. Está escrito em sua fronte que você é um do rebanho. Espero-te no Domingo meu amigo. O Dr. Henrique despediu-se. Nesta hora Carlos lembrou-se das palavras do mestre José que disse:

- Lembrem-se destas palavras: Todos os seguidores do cordeiro estão marcados. Quem alcançar um bom grau de evolução espiritual conseguirá reconhecer tal marca. Isso demanda tempo e dedicação. Esta oração vos ajudará.

E, num ímpeto se viu a repetir sozinho a oração: “Senhor Jesus Cristo; dissestes aos vossos discípulos: eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz. Não olheis os nossos pecados mas a fé que anima os vossos seguidores. Dai-nos segundo o vosso entendimento a paz e a unidade. Vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo. Amém!”

Imperceptivelmente havia começado a desenvolver o terceiro olho. Intuitivamente percebera que o doutor Henrique era uma ovelha do rebanho. Venderia o quadro ao homem. Algo lhe dava a certeza de que o mesmo estaria em boas mãos.

Estava ainda meditando estas coisas quando mestre José surgiu à sua frente, visto que havia dormido na pensão naquela noite.

- Bom dia Carlos.

- Bom dia senhor José.

Tomaram o café da manhã juntos, momento em que Carlos contou-lhe os detalhes do encontro matinal com doutor Henrique. Após, o jovem acompanhou-o até à estação rodoviária de Curitiba e de lá seguiu para mais um dia de trabalho no supermercado de seu Jonas. É claro que a primeira coisa que fez foi contar tudo o que acontecera ao seu patrão.

* * *

O aprendiz desde então era só entusiasmo. Sabia que sua vida financeira não mudaria muito com aquele dinheiro. Entretanto ficou feliz em saber que seu aprendizado poderia ajudar muitas pessoas. Não sabia a que grupo hermético aquele senhor pertencia, mas sua confiança no homem era algo sobrenatural. Aquele homem pertencia a um mundo muito diferente do dele. Aparentava possuir uma riqueza e uma cultura imensa e, ao mesmo tempo, parecia ser uma pessoa que procurava trilhar o caminho do bem. Sua intuição lhe dizia que seu quadro estaria em boas mãos. E que seria de bom proveito para aquele senhor e seus amigos. Assim Carlos passou o resto da semana apenas contemplando o quadro antes de entregá-lo ao seu novo proprietário.

No Sábado resolveu não sair à noite. Jantou mais cedo do que de costume e imediatamente subiu ao quarto para contemplar sua criação pelos últimos momentos noite em seu poder. Sentou-se à beira da cama e como que num misto de saudosismo e felicidade passou boa parte da noite olhando para sua pintura e com a imaginação viajando por sua vivência no meio da mata. Na realidade, o valor inestimável do quadro era uma coisa pessoal – pensava – já que o mesmo simbolizava a maior conquista a que um ser humano possa almejar: a felicidade pessoal. Para as demais pessoas poderia não valer mais que alguns míseros reais, para outros nada. Entretanto era fato consumado que agora ele olhava para o quadro pela última vez. Aquele desconhecido misterioso o havia convencido a dispor-se do mesmo. Envolto nestes pensamentos, com os olhos fixos no quadro, sua imaginação voou ao passado para o tempo em que buscava a felicidade constantemente no mundo sem nunca tê-la

encontrado, pois ninguém o havia ensinado que a felicidade devia ser buscada e encontrada dentro de si mesmo. Só agora ele compreendia que independente das condições externas a que um homem possa ser submetido, ele pode encontrar a felicidade e a alegria de viver. Como o maior dos sábios já havia ensinado há mais de dois mil anos atrás, o reino de Deus é dos simples e dos humildes, assim, também suas benesses estão aí ao alcance de todos e não podem ser compradas ou buscadas fora de si mesmos. Quem encontra dentro de si a felicidade que vem do alto, pode viver em plenitude, mesmo que esteja exteriormente trancafiado nas grades de uma prisão, numa favela, no meio de uma floresta ou num hotel cinco estrelas. É difícil ao homem mediano chegar a essa conclusão. Agora ele compreendia isso e sabia que essa compreensão por outro lado não suprimia seus sonhos de evolução, de voar cada vez mais alto, mas sabia que isso agora poderia ser buscado de uma maneira mais serena e tranqüila. Finalmente compreendia porque o Mestre dos mestres ensinou que se deve buscar primeiro o Reino de Deus e o mais viria por acréscimo, segundo a vontade do Pai. Pode ser agora, mas pode ser também daqui a muitos anos. Não se pode apressar os desígnios de Deus.

Envolvido por estas lembranças, sua mente foi trazendo de volta todas as experiências vividas nos últimos anos. Lembrou-se de quando partiu de sua cidadezinha natal em busca da realização dos seus sonhos. E das suas decepções diante das dificuldades da vida...

Depois vieram-lhe a mente as boas lembranças dos momentos junto à sua ex-namorada Patrícia (era a primeira vez que voltava a pensar nela com tamanha intensidade). Logo recordou-se da amarga decepção amorosa que sofrera com a garota. Isso o fez logo desviar a atenção para coisas mais amenas. Voltou a fixar-se no quadro e lembrou-se da história

de vida de seu patrão contada em um momento crucial de sua vida e como isso o havia ajudado a dar um novo sentido para sua vida. E, logo se envolveu nas agradáveis lembranças de sua aventura espiritual junto ao mestre José e os outros aprendizes na serra do mar. A vivência no meio da mata em contato com a natureza e as atividades e ensinamentos espirituais eram lembranças que lhe faziam o espírito levitar. Já eram altas horas da madrugada quando Carlos embalado por todas aquelas boas lembranças, adormeceu.

Naquela manhã de Domingo, Carlos acordou bem mais cedo que de costume. Leu um trecho do Novo Testamento, hábito já arraigado em sua rotina diária desde que voltou da serra do mar. Depois de barbear-se, desceu ligeiramente para tomar o café da manhã. Trocou algumas poucas palavras com dona Tereza e seguiu rumo a ponto de ônibus mais próximo da pensão com o quadro embrulhado em um papel.

No ônibus, lembrou-se da oração que mestre José havia ensinado para que os seguidores do cordeiro pudessem ser identificados entre si e a repetiu-a várias vezes mentalmente por uma grande extensão do percurso.

Por volta das dez horas da manhã o rapaz desembarcava em um ponto já bem próximo ao seu destino. O caminho ele trazia esboçado em um papel que o doutor Henrique havia desenhado à mão.

Andou cerca de uns quinhentos metros a pé admirando os belos edifícios que havia naquela região. Finalmente chegou ao local onde morava o doutor Henrique. Tratava-se de um condomínio fechado, habitado por alguns dos mais ilustres cidadãos curitibanos. Chegando ao enorme portão, foi recebido com um visível receio pelos seguranças do

lugar. Quando disse o seu nome e seu destino os seguranças mudaram imediatamente seus semblantes.

- Doutor Carlos – disse um dos homens que se postavam mais atrás dos seguranças – o doutor Henrique o aguarda. Venha, vamos levá-lo até à sua casa. Carlos estranhou. Pela primeira vez na vida alguém o chamava de doutor.

Durante o trajeto, o jovem admirava a beleza arquitetônica e a imponência que as habitações do lugar demonstravam. Aquele era um lugar onde só moravam pessoas riquíssimas. Não existia nenhuma casa que pelos cálculos de Carlos fosse inferior a trezentos metros quadrados só de construção. Os quintais, os jardins, as fachadas; pareciam os que ele via através dos filmes.

- Doutor Carlos; aqui mora o doutor Henrique. Entremos porque ele e seus amigos o aguardam.

Carlos olhou a fachada da mansão admirado. Era uma das maiores e mais bonitas do condomínio. O doutor Henrique tinha um refinado bom gosto.

Nesse instante sentiu um arrepio que percorreu-lhe a espinha e as dúvidas lhe invadiram a mente. Lembrou-se de que quando pequeno seu pai contava a respeito de pessoas que participavam de sociedades secretas. E que segundo diziam: faziam pacto com o demônio para adquirirem fortuna e honrarias.

- Será que estou fazendo a coisa certa? Será que um homem mergulhado em tamanha riqueza pode servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo?

Estava ainda meditando nestas dúvidas quando o doutor Henrique veio ao seu encontro.

- Salve Carlos! Seja bem vindo à minha casa. Sinta-se entre amigos.

As dúvidas da cabeça de Carlos dissiparam-se imediatamente. Aquele homem tinha algo de especial que o diferenciava das pessoas comuns. Inspirava confiança. Carlos não sabia de onde vinha tanta presença de espírito.

O rapaz foi apresentado aos amigos do doutor que, a primeira vista lhe pareceram pessoas bastante cordiais e solícitas.

O anfitrião ofereceu a todos um finíssimo vinho e um brinde especial ao amigo novo que ele havia encontrado esta semana. Era Carlos. O rapaz ficou todo sem jeito sendo lisonjeado por aqueles figurões.

Um pouco mais tarde o jovem sentia-se mais à vontade. Conversou com diversas pessoas sobre os mais variados temas. Entretanto ninguém lhe perguntara nada sobre o quadro. Parecia que havia sido combinado não se tocar no assunto até a hora certa.

A esta altura o que mais interessava o rapaz era o que naturalmente atrai a todo jovem quando está em uma festa. Meninas. Não havia muitas por ali. Apenas cinco ou seis jovens moças. Entretanto uma delas já havia lhe chamado a atenção. E o olhar da garota demonstrava-lhe reciprocidade de interesse. Em pouco tempo estavam conversando em um canto mais reservado do imenso salão de festas. Seu nome era Heloyse, sobrinha do doutor Henrique. Quando descobriu que ela era parente do homem ficou assustado e pensativo.

- Mais uma Patricinha pensava consigo mesmo. Isso não vai dar certo. Disfarçou falta de interesse por ela a partir de então. Afastou-se um pouco assustado, indo entrosar-se com outros grupinhos de bate papo.

Entretanto seus olhares não paravam de se cruzar. O rapaz logo passou a fazer comparações entre ela e sua ex-namorada. Era uma jovem encantadora. Totalmente cabeça feita – pensava.

Pouco tempo depois já estavam juntos novamente. Conversaram longamente sobre os mais variados assuntos. Inconscientemente passaram a se isolar do grupo em um mundo absolutamente paralelo ao comum, típico prenúncio de que o cupido havia flechado-lhes. Só acordaram para o mundo real quando um garçom insistentemente os informava de que a refeição iria começar.

- Senhorita Heloyse! Senhorita Heloyse! O almoço está à mesa!

- Senhorita!

O quê? O que? Ah! Já estamos indo André. Obrigada!

Sentaram-se um ao lado do outro. O doutor Henrique, nesse instante tomou a palavra e diz:

- Agradeçamos o alimento agora recebemos.

Todos inclinaram a cabeça e ficaram por algum tempo em estado de meditação. Carlos, sem saber como proceder rezou um Pai-nosso e uma Ave-maria enquanto esperava pela oração silenciosa dos demais.

Ao fim de algum tempo depois; o anfitrião da festa tomou novamente a palavra e sentenciou:

- Meus amigos; tomemos agora o alimento natural para que possamos satisfazer nossos desejos corporais. Depois disso; quando terminarmos a refeição iremos cuidar da alimentação espiritual. Hoje esse alimento espiritual será fornecido por nosso ilustre visitante; o jovem Carlos. Digo-vos que o menino tem muitos ensinamentos a nos passar e

gostaria que todos lhe dessem atenção à sua preleção que fará mais tarde. Agora comamos e bebamos sem pressa!

Sem mais delongas os presentes começaram a refeição e em poucos minutos passaram a conversar sobre as trivialidades da vida. Falavam de seus negócios, seu cotidiano. ..

Carlos nunca havia presenciado uma mesa magnífica como aquela. Havia determinados tipos de comida que ele nem sabia como comê-las. Era Ajudado por Heloyse, que se mostrava solícita e prestativa o tempo todo.

Cerca de uma hora e meia depois do início da refeição, quando já até os mais comilões se deram por satisfeitos o doutor Henrique mais uma vez interrompeu o tom da conversa informal que imperava entre os convidados.

- Meus amigos; chegou a hora de vocês conhecerem a história desse jovem. Conhecemos através de nossa peregrinação muitas formas de o homem expressar as grandes verdades espirituais. Primeiramente a Bíblia; Livro de vanguarda em nossos trabalhos. Conhecemos também a escrita simbólica das cartas de Tarot, os segredos do I Ching, além de inúmeros outros meios que a tradição de nossos antepassados nos legou através dos tempos para que possamos compreender os segredos do Pai Universal. Este jovem não está aqui à toa. Trouxe-o aqui porque ele mostrou-me uma maneira bastante peculiar e inusitada de demonstrar as verdades eternas. Seu conhecimento muito nos ajudará em nossa caminhada espiritual. Trata-se de uma pintura que resume de fato a grandeza da iluminação espiritual. Atentemos à sua pintura e ao seu discurso.

Virou-se para a direção de Carlos e sentenciou:

- Meu jovem! A partir de agora a palavra será sua. Que o Senhor te ilumine em sua preleção!

Dizendo tais palavras acomodou-se aguardando a manifestação do jovem.

Carlos estremeceu. Chegou a sua hora de falar. E a ocasião exigia que ele fosse preciso e sábio em suas palavras. Olhou para aqueles homens e mulheres de todas as idades. Estava assustado. Entretanto; deveria fazer o que tinha que ser feito. O mestre o havia ensinado que devia cumprir a sua parte, sempre.

Foram mais de duas horas de conversa entre a explanação inicial a respeito da pintura até as perguntas curiosas sobre as peculiaridades de seu exílio de vinte e um dias no interior da floresta. Carlos procurou responder a todos com uma naturalidade admirável. Sentia-se agora entre amigos realmente. Sentia um forte laço de união transcendental entre ele e aqueles estranhos que acabara de conhecer. Lembrou-se de quando o mestre falou a respeito do reconhecimento mútuo entre os seguidores do Rei...

* * *

O aprendiz permaneceu naquela mansão até o final do dia. Sentia-se já como se estivesse em casa. A afinidade que adquiriu com os presentes, entretanto, em nada se comparava ao sentimento que sentia com respeito a Heloyse. Pela primeira vez depois de muito tempo sentia-se novamente atraído por alguém. A reciprocidade de Heloyse era visível.

O aprendiz divertiu-se muito em companhia daquelas pessoas. Naquele lugar havia muitas áreas de lazer. Nadaram durante um bom tempo na piscina térmica da casa, jogaram voleibol, baralho, assistiram a um filme no cinema particular do doutor Henrique entre outras coisas que fizeram o tempo passar despercebido.

Já eram quase cinco horas da tarde. Muitos dos convidados já despediam. Carlos percebera que era chegada a hora de ir. Sabia que aquele seria um dia que ficaria marcado para sempre em sua vida. Seria o dia em que cumpriu o seu dever espiritual de passar sua experiência aos demais. Sabia que aquela semente que ele plantou no íntimo de cada um dos presentes não morreria ali. O que ele ainda não sabia ainda era que alguém havia plantado no fundo de seu coração uma pequena semente que germina como uma praga quando encontra solo fértil: o amor. Procurava agora forças para eliminar essa pequena semente que germinava em seu coração pois pensava que seria mais um amor impossível. Afinal parecia predestinado a gostar de pessoas que não eram do seu mundo. Heloyse pertencia a um mundo de glamour assim como Patrícia. Não ia dar certo. Pensava assim porque não aprendera ainda que jamais poderia fugir das tramas do destino que a mão divina

escreveu. Só percebeu que estaria intimamente ligado àquela garota no instante em que foi despedir-se dela. Um beijo inesperado, um brilho no olhar, já havia sentido aquilo antes. Meio sem graça, tentou disfarçar com uma mentira inventada para disfarçar o ato impensado.

- Tenho que ir logo senão perco o ônibus das cinco.

- Quando nos veremos de novo Carlos?

- Eu lhe telefono depois.

- Não lhe dei meu telefone.

- Caramba! É verdade! Qual é o número? – perguntou meio sem graça.

A garota deu-lhe número de seu celular pessoal, cuidadosamente embrulhado em um pequeno papel, como se quisesse esconder algo que pudesse deixá-la envergonhada perante Carlos. E saiu imediatamente para o interior da casa.

O doutor Henrique que enxergava sempre mais longe já havia percebido algo.

- Carlos. Parece que você está querendo desencaminhar minha sobrinha rapaz?

- Claro que não doutor! É apenas amizade – falou constrangido

- Sei. Me engana que eu gosto.

O rapaz permaneceu calado sem saber o que dizer. Em um tom de seriedade o doutor Henrique dirigiu-se novamente a palavra dizendo:

- Antes que vá embora preciso falar contigo. Venha até meu escritório para falarmos a sós. É assunto sério rapaz.

Dúvidas e mais dúvidas passaram-se pela cabeça do jovem no trajeto entre o salão de festas e escritório residencial do doutor Henrique.

- Será que o homem viu-me beijando sua sobrinha? Na certa vou levar uma advertência para aprender a me colocar em meu lugar – pensou o rapaz.

O doutor Henrique fez o percurso em silêncio como se estivesse a meditar nas palavras que teria de proferir ao jovem. Chegando ao enorme escritório, a primeira coisa que o doutor Henrique disse foi:

- Esse é um lugar em que ocorrem coisas boas e más ao extremo. Sempre que chamo alguém até aqui é para que seja efetivada uma admissão ou uma demissão de algum funcionário importante. Carlos não entendeu nada e ficou mais apreensivo ainda.

- Como assim? Não estou entendendo.

- Ora meu jovem. Não percebe que estou lhe convidando para fazer parte do nosso time de funcionários?

- Continuo não entendendo nada doutor - disse o rapaz já ofegante e extremamente apreensivo.

- É o seguinte. Estamos precisando de aprendizes a executivos que realmente tenham ambição e que desejem fazer nossa organização prosperar. O problema é que existe uma enorme dificuldade para encontrarmos no mercado pessoas confiáveis. A maioria trapaceia em cima da gente. Entretanto percebi que você é uma destas pessoas especiais que todo empreendedor busca como agulha em um palheiro e não encontra porque a honestidade e a lealdade estão em extinção neste mundo. Você é uma destas pessoas que eu procuro. Não tem experiência nem formação adequada mas tem o que é mais importante. O resto me é fácil facultar-lhe porque são coisas que o dinheiro compra. Em tempo

razoável de treinamento posso transformá-lo em um bom executivo. Apenas devo salientar que deverá começar pelos primeiros degraus. E que o salário inicial não é lá grande coisa. Entretanto se você for ambicioso e dedicar-se com afinco ao mundo dos negócios irá prosperar em pouco tempo. Vale lembrar também que tenho a astúcia de todo negociante. Se não houver progresso você será descartado imediatamente. Terá de corresponder às minhas expectativas. E então, aceita o desafio? Quer entrar para o nosso time?

- Claro que eu tenho sonhos de ambição. Entretanto jamais esperava que as coisas acontecessem de tal maneira. O senhor me deixou sem palavras.

- Esse é um dos segredos dos homens de negócio. Não perder as oportunidades. Não estou perdendo a oportunidade visto que já o conheço o bastante para lhe confiar um posto de trabalho. Cabe a você decidir se aceita ou não a oportunidade que ora lhe dou.

- Me conhece há apenas uma semana doutor.

- Não lhe disse que o conheço há muito tempo. Disse-lhe que já o conheço o bastante. E então aceita a minha proposta garoto?

- Claro que sim doutor Henrique! Aceito! Não preciso nem de tempo para pensar. Preciso apenas resolver a minha situação com meu patrão no supermercado.

- Então lhe darei uma semana para que resolva a sua situação com o dono do supermercado em que trabalha. Não é lícito abandonar um emprego sem deixar todas as pendências em dia. Como parte dessa semana de preparação dar-lhe-ei uma oração que me foi passada por um mago dos negócios há muitos anos atrás e que utilizo até hoje em meu dia-a-dia. Tem me trazido boa sorte. É uma oração simples e

desconhecida. Entretanto é muito poderosa. Peço que leia esta oração e medite nela todos os dias desta semana. Saiba que eu a repassei a poucas pessoas a quem tenho alta estima e consideração. É uma oração que dá resultados para quem entender seu sentido oculto.

- Pode deixar! Não irei decepcioná-lo doutor.

- Conscientize-se de que você está prestes a entrar em um mundo altamente competitivo. E será muito difícil servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Se você conseguir equilibrar esta balança tornar-se-á um homem realizado. Caso contrário; seria muito melhor que nunca tivesse me conhecido. Posso ser a sua benção ou a sua maldição. Lembre-se disso sempre que for tentado pelo sentimento de poder ilusório que o dinheiro provoca nas pessoas. Falando estas coisas o Dr. Henrique entregou ao jovem aprendiz um pequeno pedaço de papel onde escreveu a misteriosa oração a lápis. Ordenou a um de seus motoristas que o levassem até a pensão. E retirou-se para o interior da casa.

Durante o trajeto Carlos ficou curioso para ver as duas coisas: a oração do doutor Henrique e o telefone de Heloyse. Entretanto como estava ao lado do motorista resolveu ser mais displicente. Iria lê-los somente quando estivesse em seu quarto. O jovem estava radiante de felicidade diante da perspectiva de uma nova vida que a Mão Divina magicamente lhe trazia como um presente por sua dedicação. Sabia intuitivamente que tudo iria dar certo. Como disse o mestre José: bastava fazer a sua parte.

Chegando à pensão dirigiu-se imediatamente ao seu quarto tal era ansiedade em ler o conteúdo da oração. No papel amassado e escrito com letra de forma se lia:

“Senhor; fazei com que eu seja sempre diante de ti e daqueles que trazem o teu selo, nada mais que uma simples ovelha de seu rebanho. Entretanto perante os lobos; fazei com que eu adquira a aparência do tigre audacioso e voraz, para que assim parecendo, eu não seja devorado por eles”.

Era uma oração fabulosa. Específica para quem vive no mundo dos negócios. Carlos entendeu logo o seu significado visto tratar-se de um jovem com a espiritualidade já bem desenvolvida. Agora ele entendia como aquele homem conseguia servir a Deus e ao dinheiro ao mesmo tempo. Percebeu que isso era absolutamente possível.

Lembrou-se do outro papel. O número do telefone de Heloyse. Iria ver a letra para lembrar-se dela. Desenrolou-o cuidadosamente como se estivesse a acariciá-la. Quando abriu; uma surpresa: Abaixo do número do telefone ela havia desenhado uma figura: um coração flechado, símbolo dos apaixonados. Era a senha através da qual a menina abria-lhe o coração.

*** * ***

Se você quiser esclarecer dúvidas, fazer críticas ou solicitar o livro completo no formato tradicional (papel) fale com o autor através do e-mail:

souaprendiz@hotmail.com

ou escreva para:

NOME: Francisco Donizeti da Silva

ENDEREÇO: Rua Parecis, 757 – Zona 6

Cianorte – Paraná

CEP 87200-000

Epílogo

Daquele dia em diante a vida de Carlos foi paulatinamente transformando-se para melhor em todos os sentidos. Os encontros com Heloyse tornaram-se cada vez mais freqüentes. Em alguns meses de namoro, Heloyse já era sua companheira inseparável. A paixão inicial já havia se transformado em amor. Como era também altamente desenvolvida espiritualmente tudo tornava-se mais fácil para eles porque ambos seguiam a mesma trilha.

Na organização do doutor Henrique, começou executando serviços inferiores na escala de cargos. Entretanto; sua perspicácia nos trabalhos que executava e sua dedicação aos estudos, cursos e seminários que a organização oferecia fizeram com que, algum tempo depois, ele já estivesse galgando postos mais avançados.

E assim o jovem aprendiz foi evoluindo mais e mais até se tornar um alto executivo da organização do doutor Henrique. E cresceu além dos seus sonhos mais caros. Sobre a sua mesa de trabalho, entalhado em um pedaço de madeira artisticamente trabalhado, lê-se uma frase incompleta, enigmaticamente interrompida por reticências:

“Somos todos aprendizes...”

FIM